



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOS ROBERTO WEDMAN [VÔ VIDA LOKA]

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-689

Entrevistado: Carlos Roberto Wedman [Vô Vida Loka]

Nascimento: 28/12/1952

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadora: Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 09/05/2016

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: William Charles Osório Gomes

Pesquisa: William Charles Osório Gomes e Luiza Aguiar dos Anjos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 19 minutos e 4 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a Tese de Doutorado intitulada “*De São Bichas, mas são nossas*” à “*Diversidade da alegria*”: uma história da torcida Coligay, de autoria de Luiza Aguiar dos Anjos.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação com o Grêmio; Torcidas organizadas; Inserção em torcidas; Fundação de torcidas organizadas; Passagens por torcidas organizadas; Grêmio; Internacional; Coligay; Interflowers; Ditadura Militar; Preconceito; Discriminação.

Porto Alegre, 09 de maio de 2016. Entrevista com Carlos Roberto Wedman (Vô Vida Loka) cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte

L.A. – Olá Carlos, para iniciar eu gostaria que você começasse me falando um pouco da sua relação com futebol e com o Grêmio¹. Como isso começou?

C.W. – Eu me tornei gremista através dos meus avós e tios, e frequentar o estádio com onze anos apesar do meu pai, do meu falecido pai, ter sido colorado. Mas foi um tio meu que começou, eu tinha onze anos de idade quando ele começou a me levar para o Olímpico², eu já era gremista e a partir dali não parou mais até hoje.

L.A. – Você tinha como hábito ao longo da infância e adolescência de frequentar o estádio com esse tio ou surgiram outras companhias que te marcaram mais?

C.W. – Não. No início eu só ia com ele, mas eu já ia a lugar diferente. Ele era sócio do Grêmio e eu gostava de ir às arquibancadas, então, antes de terminar o jogo a gente se encontrava e voltava junto. Depois quando eu fui crescendo, foram passando os anos, eu fui criando meu *hall* de amizades e comecei a ir sozinho mesmo, já com os meus amigos.

L.A. – E quando que você começou a integrar uma torcida organizada? Que torcida foi essa?

C.W. – A primeira torcida foi a TIGRE, a Torcida Independente Gremista. Que inclusive eu ajudei a fundar. Depois passei para a Jovem, para a Torcida Jovem e depois eu me afastei por um tempo porque eu mudei de estado e questão de viagem, eu era representante comercial, então eu estive algum tempo afastado. Eu retornei para a Torcida Geral, para a Geral do Grêmio. E agora eu voltei para resgatar às minhas origens novamente e voltei para a Jovem, que é uma das organizadas mais antigas do Brasil.

L.A. – O senhor falou que fundou a TIGRE. Quando ela foi fundada e como é que isso aconteceu?

¹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

² Estádio Olímpico Monumental.

C.W. – Não me pergunte que eu não me recordo qual é o ano que foi.

L.A. – A década o senhor se recorda?

R.W.³ – Foi nas as proximidades do nascimento do Tiago⁴. Naquela época. Foi pelos anos 1980.

L.A. – Por que motivo esse desejo de fundar uma torcida organizada?

C.W. – Foi junto com amigos meus e com os pais deles, foi do Sérgio Kilzer, o pai dele e de outros que resolveram fazer uma torcida lá de Canoas, com base na cidade de Canoas. Porque a Jovem era de Porto Alegre, depois apareceram outras torcidas, mas todas de Porto Alegre. E nós fomos os primeiros, no caso, a fazer de outra cidade. Então foi a TIGRE, mas nada de competição com outras organizadas, nada disso.

L.A. – O que o senhor acha que a experiência de torcer junto com uma torcida organizada tem diferente de torcer sozinho, fora de um contexto de torcida?

C.W. – Quem faz parte de uma organizada sabe que ali nos temos compromissos, temos deveres. Como no caso da Jovem, é não arrumar brigas, não se permite mexer com a namorada, mulher dos outros, tem que manter o nível de comportamento. E a questão do ânimo também, ali também no meio de uma organizada saem os cantos e tudo mais. O clima é diferente do que estar em uma cadeira. Nada contra quem gosta de sentar lá nas cadeiras, comer a pipoquinha. Mas para mim não faz o meu estilo. Eu gosto de estar lá no meio das cantorias, do oba-oba. Esse faz o meu tipo. Então eu acho que a diferença é essa, tu te sentes mais empolgado no meio de uma torcida organizada ou a onde está uma torcida organizada. Não necessariamente tu precisa fazer parte da torcida organizada, mas estar no local onde ela está que faz diferença.

³ Rosane Martini Wedman (esposa do entrevistado)

⁴ Nome sujeito a confirmação (filho do entrevistado).

L.A. – O senhor se recorda de ter visto a Coligay⁵ no estádio?

C.W. – Recordo, recordo, recordo. Inclusive uma das coisas muito importantes que falam da Coligay, Coligay do Grêmio, mas o nosso rival também teve a Interflowers⁶. E outra coisa que falam da Coligay, mas a Coligay correu com a torcida do Internacional em pleno Estádio Beira-Rio⁷. *Correram! Correram! Correram! Correram!* Eles estavam entre uns doze mais ou menos, doze, treze, contra toda torcida dos colorados. E saíram todos, e eles partiram para cima e a torcida do colorado recuou toda. E eles, entre doze. Quer dizer então que o bicho pegava. [risos]

L.A. – Você podia falar um pouco mais desse episódio? Onde você estava quando você viu isso acontecer?

C.W. – Foi no Beira-Rio mesmo. A Coligay tinha tipo uma camisa, eles eram entre uns oito, dez, então era uma camisa única que era só a cabeça e os braços para fora, mas a camisa era uma coisa única. Então eles tinham o local deles lá no Olímpico e lá no Beira-Rio também. Mas tudo aconteceu antes de terem as grandes, hoje em dia tem as grades, divisórias e tudo mais, por questão de segurança. Naquela época não existiam essas grades divisórias, era um espaço que deixavam de quatro, cinco metros para separar as torcidas e nada mais. Mas deste fato eu me lembro. Que a torcida deles correu da Coligay dentro do Beira-Rio.

L.A. – Como é que foi a reação dos outros torcedores gremistas ao ver essa cena?

C.W. – Foi todo mundo também. Claro, as caras foram aplaudidos, eles foram aplaudidos e tudo. Mas a questão da discriminação, com o passar dos anos a discriminação foi aumentando e até que terminou. Terminaram com a Coligay.

L.A.- E que outras lembranças você tem? Você se lembra de onde eles ficavam? Como era a manifestação deles ao longo do jogo?

⁵ Torcida organizada Coligay.

⁶ Torcida organizada Interflowers.

⁷ Estádio José Pinheiro Borba.

C.W. – Sim. Eles ficavam do lado, bem no meio, no caso do Olímpico, havia a faixa “com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”, que era uma faixa, uma lona, inclusive tinha uns tubos de ar comprimido, com buzinas e tudo mais. E eles ficavam mais para o lado direito. No caso, quase que na altura da grande área, ao lado lateral era o local onde eles ficavam.

L.A. – O senhor se lembra das manifestações deles? Como era a forma deles torcerem? Isso chamava atenção?

C.W. – *Ah!* Sempre festa, sempre festa, sempre festa! Inclusive essa coreografia, se assim pode ser chamada, de pular para os lados, de um lado e depois para o outro lado, eles já faziam. Eles já faziam. Foram eles que começaram com isso aqui, ao menos no Rio Grande do Sul, pelo que eu sei. E talvez fosse até no Brasil, pela época. Porque eu nunca tinha visto essa questão de sair pulando de lado, para um lado e depois voltar para o outro lado, todos juntos, sabe? Então foram eles que iniciaram.

L.A. – O senhor se lembra de outras torcidas organizadas que conviveram com a Coligay? Que outras existiam nessa época?

C.W. – Não, não. Não, eu acho que talvez foi a Jovem, talvez foi a Jovem. A Jovem talvez que tinha porque é a torcida mais antiga. Mas não havia nada de intriga, de briga, entre uma e outra. Sempre foi cada um na sua. Mas briga assim como existe hoje entre torcidas organizadas em todos os clubes do Brasil, que uma quer ser melhor do que a outra, aí entra mais o personalismo, essa coisa de ego pessoal que está hoje, o poder, sobre comando de uma torcida. Então não existia isso naquela época. Era clube! Vou falar do meu que é o Grêmio. Eu continuo sendo, faço parte da torcida Jovem, já fui da Geral, TIGRE, mas para mim em primeiro lugar a cima de tudo, de qualquer tipo de torcida organizada, para mim é o Grêmio. A cima de tudo.

L.A. – Como é que era a relação das outras torcidas ou dos outros torcedores com os integrantes da Coligay?

C.W. – É, havia discriminação. Havia discriminação. Muitos falavam: “bah, como é que podem os deixar fazerem parte ou vestir a camisa ou assumirem a opção sexual deles. Isso

não pode”. E já tinham outros: “não, o problema é deles”. Só que naquela época era muito pior a repressão, o preconceito, enfim, eram bem maiores do que hoje em dia. Se hoje em dia as organizadas já não aceitam, nenhum clube do Brasil aceita, o que dirá nos anos 1960, 1970. A coisa era *bem pior*.

L.A. – Como é que o senhor acha que eles conseguiram permanecer no estádio e demarcar presença: “bom, a gente vai continuar vindo aqui e se afirmando homossexual com essa dificuldade”?

C.W. – Por eles se assumirem e pela vontade deles, pelo gremismo também e de se imporem “não! Nós vamos continuar e acabou! Quem não estiver contente que não fique perto de nós então”. E eles sabiam que eles eram de briga também. O pessoal sabia que eles não eram, apesar da opção sexual deles, eles eram de briga. Eles não corriam da briga, não corriam da luta. Então permaneceram e não sei por que foi o final, por que terminou. Isso eu não sei te dizer, isso eu não posso te informar.

L.A. – O senhor conheceu algum integrante da Coligay?

C.W. – Não. Não.

L.A. – E com relação à torcida do Internacional, ou eventualmente de outros clubes, quando iam enfrentar o Grêmio, a Coligay era um motivo de ofensa ou de brincadeiras para menosprezar o Grêmio? Usavam a Coligay para isso?

C.W. – Sim, sim. Inclusive até hoje existe esse fato, que para mim é lamentável, mas existe até hoje. Assim como a gente usa também, quando falam em Coligay, a gente usa a Interflowers e por aí vai.

R.W. – Vocês usam o Falcão⁸ também né.

⁸ Paulo Roberto Falcão.

C.W. – Sem contar obviamente o Falcão né? Que para nós é mais conhecido como beija-flor. [Riso]

L.A. – E por que esse apelido de Beija Flor?

C.W. – Falcão é um animal de raça, de caça, um animal guerreiro. E beija-flor já é uma coisa mais delicada. E o Falcão eu não sei se tu conheces a história dele?

L.A. – Não. Se você puder contar.

C.W. – É que a primeira esposa dele chegou. Inclusive eu tenho a declaração, posso até te enviar a declaração da primeira esposa dele que pegou ele com o professor de tênis dele. E até ela achava que ele tinha uma amante. Inclusive a Geral do Grêmio tem um hino que canta: “que até a Cristina⁹ sabe”, a Cristina Ranzolin, “que até a Cristina sabe, que em Roma era rainha e não era rei, Falcão é gay, Falcão é gay”.

L.A. – Conheço a música e a história do professor de tênis, mas eu não sabia da fala dela.

C.W. – Mas eu tenho a declaração da primeira esposa dele. Eu tenho.

L.A. – A Interflowers é uma torcida que o senhor chegou a ver no estádio ou só tomou conhecimento?

C.W. – Sim. Sim, sim. Eu vi em Grenal¹⁰ já, em Gre-Nal. Mas ela foi *bem* posterior a Coligay. Mas também foi muito rápido. Foi muito rápido e a própria torcida do Internacional terminou com eles. Correram com eles.

L.A. – O que você se lembra dela? De uma bandeira? O que te chamou atenção ao visualizar a existência dessa torcida lá?

⁹ Cristina Borges Ranzolin Falcão.

¹⁰ Clássico entre Grêmio x Internacional.

C.W. – Eles tinham a camisa, logicamente vermelha com branco, e com flores. Vamos supor, se o fundo da camisa era vermelho, as flores eram brancas e se o fundo fosse branco, as flores eram vermelhas. Então eles tinham esses dois tipos de camisetas, então por isso que era Flowers.

L.A. – Tinha uma maneira de torcer desse grupo que também que era característica?

C.W. – É tinha a alegria, era a mesma coisa que a Coligay. Era uma alegria, eles torciam com alegria.

R.W. – A bicharada que vocês diziam. Ele não gosta de usar os termos. [Risos]

C.W. – Para

R.W. – Desculpa. [Riso]

C.W. – Então a era alegria, eles eram realmente bem mais alegres do que os outros torcedores *naquela época. Naquela época.* Porque não existia essa história de, vamos supor hoje de apoiar, apoiar o time, os noventa minutos tu tá ali cantando, cantando, cantando, fica os noventa minutos em cima da barra cantando. Não tinha isso, sabe? Você via o jogo sentado, vibrava quando dava gol, tu levantavas quando o time atacava, sentava outra vez, era um senta e levanta, senta levanta.

L.A. – E a Coligay se destoava disso?

C.W. – É. Eles destoavam por estar todo o jogo cantando. Todo jogo cantando e pulando. Essa foi à diferença. Pra mim foi a primeira que fez esse movimento de apoiar e de cantar, de empurrar o time sempre os noventa minutos. Eu, particularmente, não havia visto até então. Nunca tinha visto!

L.A. – O senhor se lembra de como a imprensa retratava a Coligay?

C.W. – Sempre foi com restrições, não davam muita manchete. Porque como eu te falei anteriormente a questão do preconceito que era muito forte, então se algum jornal ou mídia daquela época, ou rádio, desse certa importância para a Coligay, ou para Interflowers no caso, seriam execrados pelo resto da população.

L.A. – E fora esse episódio da Coligay correndo com os colorados, o senhor se lembra de outros episódios de confronto físico em que ela se envolveu?

C.W. – Sim, jogos no interior também. Eu fui uma vez em Bagé, em um jogo a temperatura estava quase zero grau e nós fomos numa excursão e eles foram num outro ônibus e chegando lá em Bagé, na entrada a torcida do Bagé, na época, eu tinha uns dezesseis, dezessete anos. A torcida do Bagé quis começar a gozar com eles e eles partiram para cima e a do Bagé saiu correndo também. Eles usavam navalha e tudo, sabe?

L.A. – O senhor acha que o período da ditadura, o governo ditatorial, impactou alguma coisa no espaço do futebol especificamente? Você sentiu alguma diferença na vivência do futebol em função de estar naquele momento vivendo uma ditadura militar?

C.W. – Olha. Como eu te falei anteriormente eu fui três vezes pelo DOPS¹¹. Eu era totalmente contrário. Então um bom período daquela época eu estava mais envolvido com os movimentos, tanto estudantis, MR8¹², enfim. Mais essa questão política. Então o futebol daí ficou mais em segundo plano, porque eu coloquei como prioridade na minha vida a luta contra a ditadura. Depois eu tive que sair do estado com outra identidade e tudo, porque estava jurado de morte já. Mas a questão se influenciou ou não, sinceramente eu não tenho recordação.

L.A. – Tem alguma coisa que eu não perguntei para o senhor, especialmente com relação essas lembranças da Coligay que o senhor gostaria de mencionar?

C.W. – Não, só gostaria de deixar bem ressaltado que a marca deles mesmo foi à alegria e estar junto com o Grêmio sempre os noventa minutos. Mas também eram de botar a boca, se

¹¹ Departamento de Ordem Política e Social.

¹² Movimentos Revolucionários Oito de Outubro.

a coisa estava errada eles sabiam ir contra também. Agora quando o Grêmio jogava bem era apoiar os noventa minutos e a marca maior mesmo como já frisei, e vou ressaltar novamente. é a alegria.

L.A. – Em meu nome e do CEME, te agradeço pela entrevista.

FIM DA ENTREVISTA